

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

DANILO CÉSAR ARANTES DE SOUSA NASCIMENTO

**COMPORTAMENTO DOS ÍNDICES ECONÔMICO-FINANCEIROS DAS
EMPRESAS DO SETOR DE ALIMENTOS NO PERÍODO DA PANDEMIA DA
COVID-19**

UBERLÂNDIA
AGOSTO DE 2023

DANILO CÉSAR ARANTES DE SOUSA NASCIMENTO

**COMPORTAMENTO DOS ÍNDICES ECONÔMICO-FINANCEIROS DAS
EMPRESAS DO SETOR DE ALIMENTOS NO PERÍODO DA PANDEMIA DA
COVID-19**

Artigo Acadêmico apresentado à Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Dr. Wemerson Gomes Borges

**UBERLÂNDIA
AGOSTO DE 2023**

DANILO CÉSAR ARANTES DE SOUSA NASCIMENTO**Comportamento dos índices econômico-financeiros das empresas do setor de alimentos no período da pandemia da Covid-19**

Artigo Acadêmico apresentado à Faculdade de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Banca de Avaliação:

Prof. Dr. Wemerson Gomes Borges - UFU
Orientador

Prof.
Membro

Prof.
Membro

Uberlândia (MG), 21 de agosto de 2023.

RESUMO

O setor de alimentos é um setor relevante no dia a dia da população mundial, não só por sua importância econômico-financeira, mas por ser um elemento necessário para a subsistência de todos os cidadãos. No início de 2020 foi decretado o estado de pandemia devido a disseminação do vírus da Covid-19, o que impactou todo o mundo tanto em fatores sociais, políticos, comportamentais e também financeiros em diversos setores da economia. No setor de alimentos não foi diferente. A partir disso, o estudo teve o objetivo de verificar o desempenho econômico-financeiro das empresas do setor de alimentos durante a pandemia por meio de indicadores, realizando uma comparação entre o período pré (2019) e pós-decreto da pandemia (2020 e 2021) ocasionada pela Covid-19. Utilizou-se um estudo descritivo, quantitativo e documental analisando as empresas dos segmentos de Agricultura, Alimentos Diversos, Carnes e Derivados e Açúcar e Álcool listadas na B3 que compõem o setor de alimentos. Os índices de liquidez, endividamento, lucratividade e rentabilidade foram utilizados como base para as análises. Os resultados indicaram uma melhora nos índices de liquidez para a maioria dos segmentos estudados, principalmente no primeiro ano pós decreto da pandemia. Os índices de rentabilidade e lucratividade também apresentaram resultados melhores nos dois anos pós decreto da pandemia em relação ao período pré-pandemia. Em contrapartida, para os índices de endividamento, o período da pandemia se apresentou como um fator negativo principalmente no curto prazo. O aumento súbito nos custos dos insumos e a necessidade de captação de recursos de terceiros para investimento podem ter sido fatores relevantes para este resultado.

Palavras-chave: Indicadores econômico-financeiros. Setor de alimentos. Pandemia.

ABSTRACT

The food sector is a relevant sector in the daily lives of the world's population, not only because of its economic and financial importance, but because it is a necessary element for the subsistence of all citizens. In early 2020, the state of a pandemic was declared due to the spread of the COVID-19 virus, which impacted the entire world in terms of social, political, behavioral and also financial factors in various sectors of the economy. In the food sector was no different. From this, the study aimed to verify the economic and financial performance of companies in the food sector during the pandemic through indicators, comparing the pre-(2019) and post-decree period of the pandemic (2020 and 2021) caused by COVID-19. A descriptive, quantitative and documentary study was used, studying companies in the Agriculture, Miscellaneous Food, Meat and Derivatives and Sugar and Alcohol segments listed on B3 that make up the food sector. Liquidity, indebtedness and profitability ratios were used as the basis for the analyses. The results indicated an improvement in liquidity indices for most of the segments studied, especially in the first year after the pandemic decree. Profitability indices also showed better results in the two years after the pandemic decree compared to the pre-pandemic period. On the other hand, for indebtedness indices, the pandemic period was a negative factor, mainly in the short term. The sudden increase in input costs and the need to raise funds from third parties for investment may have been relevant factors for this result.

Key words: *Food Sector. Pandemic. Economic-financial indicators.*

1 INTRODUÇÃO

O setor de alimentos no Brasil tem notável relevância para a economia do país. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria de Alimentos (ABIA), este setor representa mais de 10% do Produto Interno Brasileiro (PIB) e gera aproximadamente 2 milhões de empregos diretos e formais. Ainda segundo a ABIA, o Brasil exporta alimentos para 190 países, fazendo assim o país ser o segundo maior exportador do mundo (ABIA, 2023).

De acordo com o Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada IPEA (2023), o setor de alimentos e bebidas no Brasil foi responsável por quase metade do resultado da inflação acumulada do ano de 2022, que teve uma alta de 5,8%. Conforme apontado pelo Índice Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2023), a indústria brasileira teve um resultado positivo principalmente pela impulsão dada pelo segmento alimentício. Isso indica a relevância do setor para a economia brasileira como um todo.

Diante de tal relevância, o setor está suscetível a impactos mediante a conjunturas econômicas adversas. Uma dessas situações adversas ocorreu no ano de 2020 com o decreto da pandemia ocasionada pelo coronavírus SARS-CoV-2, causador da Covid-19.

Tendo os primeiros casos ainda no final de 2019 na República Popular da China, com um alto percentual de disseminação, a Covid-19 se espalhou rapidamente para vários países de todo mundo. Com isso, em março de 2020 foi decretado estado de pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2022).

Com a pandemia, diversos foram os impactos percebidos pelo mundo, tanto na questão social, política e econômica. No quesito econômico, o início da pandemia foi cercado por incertezas quanto à proporção que tomaria esta situação (mortalidade, medidas públicas sanitárias, etc.), desaceleração da produção econômica e das atividades financeiras, desemprego e também pela mudança do comportamento do consumo da população em geral (COSTA; PEREIRA; LIMA, 2020).

Toda essa conjuntura desfavorável e de incertezas que a pandemia trouxe, atingiu diretamente todos os setores da economia e conseqüentemente o mercado de capitais, pois de acordo com a FGV IBRE (2021, p. 4) o quadro econômico que as áreas de produção se encontravam era de “alta incerteza”, “pressões inflacionárias” e “deterioração da confiança dos agentes”. Diante disso, as organizações empresariais das várias esferas econômicas foram atingidas de formas diversas, com falta de matéria-prima ocasionando aumento nos custos,

fuga de investimentos e capital de terceiros, modificação na demanda (consumo) (SOUSA, 2020; COSTA; PEREIRA; LIMA, 2020), entre outros.

A partir disso, os indicadores econômico-financeiros das empresas foram impactados (MATTEI; ROSA, 2019; COSTA; PEREIRA; LIMA, 2020). Estes indicadores representam o reflexo das tomadas de decisão da gestão e retratam o alcance dos resultados financeiros do período (DOHI, 2022). Ademais, são relevantes tanto para as organizações, representando a situação atual da companhia, quanto para possíveis investidores (acionistas, capital de terceiros, etc.) que os utilizam como instrumento de avaliação de riscos e oportunidades (SOUSA, 2020).

De acordo com Costa, Pereira e Lima (2021), devido ao grau de incerteza alavancado pela pandemia da Covid-19 nos mais diversos níveis econômicos, a análise de informações extraídas das demonstrações contábeis, como os indicadores econômico-financeiros, fornece dados necessários e essenciais para seus usuários. Conforme indicado pelos autores, o impacto causado pela pandemia nos mais diversos setores econômicos é, e será por mais anos à frente, significativo.

Assim percebe-se a relevância dos possíveis reflexos da pandemia, incluindo o impacto nas empresas e conseqüentemente nos indicadores econômico-financeiros das mesmas. Diante do exposto, tem-se o seguinte problema de pesquisa: qual o desempenho econômico-financeiro das empresas do setor de alimentos durante o período da pandemia ocasionada pela Covid-19?

Neste contexto, o objetivo do estudo é verificar o desempenho econômico-financeiro das empresas do setor de alimentos durante a pandemia por meio de indicadores financeiros, realizando uma comparação entre o período pré e pós-decreto da pandemia ocasionada pela COVID-19.

Assim sendo, esta pesquisa se delimita a análise das empresas do setor de alimentos com ações negociadas na Bolsa, Balcão (B3). O setor de alimentos compreende os subsetores da Agropecuária (segmento Agricultura) e Alimentos Processados (segmentos Açúcar e Álcool; Carnes e Derivados; Alimentos Diversos). Os índices econômico-financeiros analisados são: Liquidez (Liquidez corrente; Liquidez Seca; Liquidez Geral); Rentabilidade e Lucratividade (Retorno sobre Patrimônio Líquido, Retorno sobre Investimento; Margem Bruta; Giro do Ativo); Endividamento (Composição do Endividamento; Grau de Endividamento).

O estudo se justifica, pois de acordo com Costa, Pereira e Lima (2020, p. 11), a pandemia da Covid-19 aumentou o grau de incerteza quanto às atividades econômicas das

empresas, com isso, análises financeiras poderão auxiliar na compreensão dos “perfis econômico, financeiro, patrimonial e de desempenho operacional” das entidades e na dimensão do reflexo da pandemia nos indicadores econômico-financeiros, o que é relevante para os usuários dessas informações.

Ainda quanto a justificativa do estudo, Sousa (2020) complementa que a pandemia trouxe uma série de desafios para as entidades econômicas. A bolsa de valores refletiu as incertezas geradas por essa situação logo nos primeiros meses da pandemia. Com isso, vê-se necessário o mercado de investimento estar constantemente atento aos números econômicos e financeiros das empresas, para analisar a viabilidade dos investimentos presentes e futuros.

Nessa direção, o referencial teórico busca apresentar perspectivas e informações relevantes sobre a temática do estudo, com intuito de gerar uma discussão sobre o setor de alimentos no Brasil, juntamente com a análise de índices econômicos em meio à crise pandêmica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Setor de Alimentos

O setor de alimentos é, e sempre foi, um setor relevante no dia a dia da população mundial não só por sua importância financeira, mas por ser um fator necessário para a subsistência de qualquer cidadão. No Brasil, este setor é referência na economia do país, sendo o ramo que mais impacta no saldo positivo da balança comercial (IFOPE, 2021).

De acordo com o IFOPE (2021), a indústria alimentícia brasileira foi impulsionada principalmente a partir do século XX, onde o crescimento populacional e a industrialização foram fatores chave para tal crescimento.

Os números mais recentes do setor de alimentos corroboram para atestar tal relevância. Conforme dados apresentados pela ABIA (2023), o setor de alimentos representa 10,8% do PIB nacional e gera quase 2 milhões de empregos formais e diretos em suas aproximadamente 38 mil empresas. Em linhas gerais, ainda de acordo com a Associação, em 2022 o Brasil configurou como o 2º maior exportador de alimentos do mundo.

Apesar dos números expressivos e pela relevância, o setor não está a salvo de fatores que impactam negativamente esse ramo. De acordo com Hartmann (2011), o setor de

alimentos enfrenta diariamente desafios específicos provenientes principalmente de três fatores: dependência de recursos naturais, humanos e físicos; demanda dependente dos impactos ambientais, animais, sociais, de qualidade e segurança por grande parte dos consumidores; e pela especificidade da cadeia do setor, que é única e multifacetada (variedade alimentar e de tipos empresariais).

Conforme indicado pelo Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada (IPEA, 2023), em 2022 a inflação apresentou uma alta de 5,8%, sendo os alimentos responsáveis por quase metade desse percentual. Este resultado também foi observado em anos anteriores. De acordo com o Instituto, o aumento nos custos e a variação climática foram fatores de grande relevância, mas é inegável que traços da pandemia ainda estão impactando negativamente diversos setores econômicos.

Aday e Aday (2020) ressaltam que a pandemia impactou o setor de alimentos desde o campo até o consumidor final. De acordo com os autores, a Covid-19 resultou em alterações na cadeia de alimentos principalmente pelas políticas restritivas, mudanças no mercado de trabalho e na demanda dos consumidores.

Observa-se assim que o setor de alimentos está suscetível a diversos impactos mediante a conjunturas econômicas adversas. Diante disso, torna-se relevante realizar análises econômicas e financeiras para buscar a sobrevivência empresarial, além de verificar possíveis riscos e oportunidades. Uma ferramenta essencial para essas análises é a observação dos índices econômico-financeiros, como visto a seguir.

2.2 Índices econômico-financeiros

A análise dos índices econômico-financeiros é um estudo realizado a partir do evidenciado pelas entidades em suas demonstrações contábeis. De acordo com Iudícibus (2017, p. 103), “a técnica de análise financeira por quocientes é um dos mais importantes desenvolvimentos da contabilidade”.

Este tipo de análise tem o objetivo de auxiliar na leitura, compreensão e comparação da situação econômico-financeira estática das empresas, com base em acontecimentos do passado, mas que podem gerar bases para tomada de decisão futura (IUDÍCIBUS, 2017).

Ainda nesta linha de reflexão, autores como Marion (2019), Martins, Miranda e Diniz (2020) e Assaf Neto (2020) indicam que a observação isolada de indicadores financeiros não é ideal para se ter uma análise eficiente da situação econômica e financeira das entidades, sendo o exame de diversos indicadores por quociente e por mais de um período (análise

horizontal) necessário. A seguir são apresentados alguns indicadores econômico-financeiros delineados na literatura observada.

2.2.1 Índices de Liquidez

Os Índices de Liquidez representam a capacidade de continuidade da empresa, ou seja, indicam a capacidade da empresa de saldar seus compromissos (dívidas) com seus recursos disponíveis (MARTINS; MIRANDA; DINIZ, 2019). De acordo com Martins, Miranda e Diniz (2019), dentre os Índices de Liquidez tem-se:

- *Índice de Liquidez Corrente*: é aquele índice que apresenta os recursos de curto prazo que a empresa possui para quitar as dívidas também de curto prazo;
- *Índice de Liquidez Seca*: a parcela dos compromissos que podem ser liquidados com os itens de maior liquidez do ativo circulante;
- *Índice de Liquidez Geral*: evidencia os recursos de curto e longo prazo que a empresa possui para quitar as dívidas de curto e longo prazo.

2.2.2 Índices de Endividamento

De acordo com Marion (2019), os índices de endividamento analisam a proporção utilizada pela empresa de capitais de terceiros e de recursos próprios, indicando o quanto a empresa está dependente de capitais de terceiros no curto e longo prazo. Conforme apontado por Martins, Miranda e Diniz (2019), alguns dos índices de endividamento estão listados a seguir:

- *Composição do Endividamento*: evidencia o quanto da dívida da empresa com terceiros é exigível no curto prazo;
- *Grau de Endividamento*: evidencia a representatividade da dívida da empresa com terceiros para cada um real de recursos próprios.

2.2.3 Índices de Rentabilidade e Lucratividade

Índices de Rentabilidade e Lucratividade estão relacionados aos lucros recebidos pela empresa, pois analisam o quanto a empresa ganha com cada unidade monetária vendida, bem como realizam comparação entre o lucro obtido em valores absolutos e outros valores que se relacionam com o mesmo (MARION, 2019). Conforme indicado por Martins, Miranda e Diniz (2019) e Assaf Neto (2020), alguns dos Índices de Rentabilidade e Lucratividade são:

- *Retorno sobre Investimento (ROI)*: mede a capacidade da empresa de gerar resultados e o ganho da empresa para cada unidade monetária investida;
- *Retorno sobre Patrimônio Líquido (ROE)*: evidencia a capacidade que a empresa tem de remunerar o investimento aportado pelos acionistas;
- *Margem Bruta*: indica a porcentagem do lucro que restou após deduzir o custo do produto vendido;
- *Giro do Ativo*: Evidencia o quanto a empresa vendeu para cada unidade monetária investida (renovação do ativo em relação às vendas líquidas).

2.3 Relevância dos índices econômico-financeiros

De acordo com Marcon e Souza (2006), o objetivo do mercado de capitais brasileiro está diretamente relacionado à captura de crédito por parte das entidades, ou seja, as empresas integrantes do mercado de capitais estão constantemente em busca de recursos para auxiliar na “expansão dos negócios” e no “aumento da escala produtiva”.

Para conseguir tais recursos, muitas vezes a empresa busca atrair novos investidores e acionistas. Uma forma de atração de recursos é por meio da análise dos índices econômico-financeiros. Os acionistas e investidores utilizam tais índices como uma ferramenta de estudo para se situar da posição econômica e financeira das possíveis empresas que irão investir.

Outro ponto relevante sobre os índices econômico-financeiros é a sua utilização interna, dentro das entidades, como um instrumento de tomada de decisão e, conseqüentemente, de alcance de resultados. De acordo com Dohi (2022, p. 10), a análise dos indicadores econômico-financeiros “permite conhecer a posição da empresa em relação à situação econômica”. O autor ainda indica a importância dos indicadores na estratégia empresarial, na identificação de obstáculos e observação de necessidades e oportunidades no gerenciamento das entidades econômicas.

Com isso percebe-se a relevância dos indicadores econômico-financeiros nessas duas vertentes: externa, como ferramenta de captação de recursos para as empresas e como dados analíticos para potenciais investidores e acionistas; e interna, como instrumento de análise empresarial e de tomada de decisão.

2.4 Pandemia da Covid-19

De acordo com a Organização Pan-americana da Saúde (OPAS), a pandemia da Covid-19 está relacionada à disseminação mundial da doença causada pelo coronavírus SARS-COV-2. O alto índice de disseminação da doença, primeiramente identificada na República da China em meados de dezembro de 2019, rapidamente tomou o mundo e o estado de pandemia foi decretado logo no início de março de 2020 (OPAS, 2022).

Segundo dados do Ministério da Saúde (BRASIL, 2022), até o mês de novembro de 2022, a doença da Covid-19 havia se disseminado em mais de 688 mil pessoas só no Brasil, mundialmente esse número passou os 6,5 milhões de óbitos. Sendo assim percebido o alto grau de mortalidade desse vírus para o ser humano.

Algumas variantes desse coronavírus também se espalharam pelo mundo durante a pandemia, como a ômicron e as variantes alfa, beta, gama e delta, dificultando o combate à doença (OPAS, 2022). Dentre os métodos de combate ao vírus os principais são: não contato com pessoas infectadas, através do distanciamento social; utilização de itens de proteção como máscaras, higiene pessoal, a utilização de álcool em gel e limpeza de superfícies de contato; além da mais importante que é a vacinação contra a Covid-19, disponibilizada no Brasil pelo próprio governo.

Tais métodos auxiliaram na redução da disseminação da Covid-19, mas apesar disso, os primeiros anos da doença trouxeram consideráveis prejuízos para a sociedade em geral em diversas vertentes, como a social, a psicológica, a política, a histórica, econômica, entre outras. A seguir são apresentados alguns estudos que analisaram o impacto da vertente econômica em empresas de diversos setores empresariais.

2.5 Estudos correlatos

Dada a relevância dos indicadores econômico-financeiros e os impactos gerados pela pandemia da Covid-19, alguns autores já buscaram realizar estudos que correlacionassem esses dois quesitos. Alguns desses estudos estão listados a seguir.

Costa, Pereira e Lima (2020) realizaram um estudo em empresas do setor de higiene e limpeza, um setor de grande relevância para o combate da disseminação da Covid-19, por meio da disponibilização de materiais utilizados na higienização de superfícies. O objetivo do estudo foi analisar os impactos da pandemia nos indicadores econômico-financeiro das

empresas desse setor. A amostra foi composta por empresas listadas na B3 de tal setor e a metodologia utilizada foi a do tipo descritiva com abordagem quali-quantitativa com a utilização de procedimentos documentais. Os autores observaram que a pandemia foi positiva economicamente para as empresas analisadas, com aumento principalmente nas receitas líquidas, consequência da maximização das vendas frente à alta demanda. As entidades também apresentaram capacidade de cumprimento de compromissos e alta utilização de capital de terceiros.

Analisando empresas de consumo cíclico da B3, Massoquetto e Souza (2021) realizaram um estudo com o objetivo de observar os impactos da pandemia da Covid-19. Os dados analisados foram Receita Bruta, Liquidez, Endividamento, Lucratividade e Retorno sobre Ativo (ROA). O período analisado foi 2019 e 2020. Utilizou-se métodos estatísticos de hipóteses não paramétricas. Os resultados apontaram que as empresas se mantiveram eficientes mesmo frente ao cenário da pandemia. Os autores concluíram que métodos como *e-commerce* e o *delivery* foram essenciais para os resultados positivos das empresas da amostra. Assim como no estudo de Costa, Pereira e Lima (2020), o período da pandemia se mostrou economicamente positivo para as empresas analisadas.

Também referente aos impactos econômicos da pandemia, Marins *et al.* (2022) realizaram um estudo no setor bancário brasileiro. Os autores realizaram uma análise entre o período de 2010 a 2021. O método utilizado foi o painel dinâmico e a amostra contemplou 175 agências bancárias com atuação no Brasil. Os resultados indicaram um impacto financeiro negativo e significativo nas empresas da amostra. As entidades com maior liquidez apresentaram os menores níveis de desempenho. Itens como risco de crédito, tamanho, intermediação financeira também tiveram influência na *performance* das agências bancárias analisadas. Percebe-se um resultado contrário ao apresentado por Costa, Pereira e Lima (2020) e Massoquetto e Souza (2021). Lembrando que os três estudos analisaram empresas de setores diferentes.

Também analisando indicadores financeiros no período da pandemia, mas com um objetivo específico diferente, Oliveira, Guerra e Nazaré (2022) realizaram um estudo com o objetivo de verificar o desempenho econômico-financeiro das empresas com ações negociadas na B3 comparando os resultados de empresas integrantes e não integrantes do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE). Os autores analisaram os indicadores: Liquidez Corrente, Alavancagem Financeira, Custo da Dívida, ROA, ROE, Retorno Médio, Risco e o Coeficiente Beta. A amostra foi composta por 13 empresas do segmento de Energia Elétrica da B3 e a metodologia se baseou em um estudo descritivo, documental e quantitativo.

Em seu estudo, Oliveira, Guerra e Nazaré (2022) observaram que, de forma geral, as empresas analisadas não componentes do índice de sustentabilidade apresentaram melhores resultados econômicos e financeiros se comparado com as empresas integrantes do índice para as empresas da amostra durante o período da pandemia. Os autores ressaltam que as empresas não integrantes do ISE apresentaram melhores resultados de liquidez, endividamento, ROA e risco, enquanto observou-se uma evolução positiva nos indicadores de rentabilidade para as empresas integrantes do Índice de Sustentabilidade.

Percebe-se assim resultados variados em estudos que utilizaram o comportamento dos índices econômico-financeiro de empresas como análise de desempenho durante o período da pandemia. Assim, mais estudos nessa área podem trazer mais elucidação sobre a *performance* das empresas em um período de crise mundial. A partir disso, a seguir é apresentado a metodologia utilizada para este estudo, tendo em vista realizar uma análise que possibilitará mais esclarecimentos sobre o tema proposto.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa se classifica quanto aos objetivos como descritiva, pois analisa “duas ou mais variáveis de um dado fenômeno sem manipulá-las” (KOCHE, 2011, p. 124). De acordo com Koche (2011), este tipo de pesquisa descreve observações de dados já existentes, sem que haja interferência do pesquisador.

De acordo com a abordagem do problema, o estudo se classifica como quantitativo, pois de acordo com Prodanov e Freitas (2013), neste tipo de pesquisa são levantados números que possibilitam a classificação e análise dos dados por meio da utilização de métodos estatísticos.

Foram utilizadas fontes secundárias de dados, com isso o procedimento técnico utilizado foi o do tipo documental. Este tipo de procedimento tem a característica, segundo Koche (2011), de trabalhar com dados que “não receberam ainda um tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”, o que coincide com o procedimento técnico utilizado neste estudo.

As empresas que compõem a amostra são aquelas classificadas como componentes do setor de alimentos (classificação própria) que incluem as empresas listadas na B3 integrantes dos subsetores da Agropecuária (segmento Agricultura) e Alimentos Processados (segmentos

Açúcar e Álcool; Carnes e Derivados; Alimentos Diversos), conforme Quadro 1 apresentado a seguir:

Quadro 1: Empresas da amostra – Setor de Alimentos B3

SETOR ECONÔMICO	SUBSETOR	SEGMENTO	EMPRESAS
Consumo não cíclico	Agropecuária	Agricultura	3TENTOS; AGRIBRASIL; AGROGALAXY; ALIPERTI; BOA SAFRA; BRASILAGRO; CTC S.A.; POMIFRUTAS; RAIZEN; SLC AGRICOLA; TERRASANTAPA
		Açúcar e Álcool	JALLESMACHAD; RAIZEN ENERG; SAO MARTINHO
	Alimentos Processados	Carnes e Derivados	BRF S.A.; EXCELSIOR; JBS; MARFRIG; MINERVA; MINUPAR
		Alimentos Diversos	CAMIL; JOSAPAR; M. DIASBRANCO; ODERICH

Fonte: Adaptado de B3 (2023).

Conforme observado no Quadro 1, a amostra foi composta por 24 empresas. Os dados foram coletados por meio do *site* da própria B3, utilizando as Demonstrações Financeiras Padronizadas para extração das variáveis trabalhadas.

Foram três os períodos analisados: exercício findo no ano de 2019, representado o período “pré-pandemia” e 2020 e 2021 representando os anos “após decreto da pandemia”.

Os índices econômico-financeiros analisados foram nove e fazem parte de três grandes grupos de índices constantes na literatura de Marion (2019), Martins, Miranda e Diniz (2019) e Assaf Neto (2020):

- Índices de Liquidez: Liquidez Corrente, Liquidez Seca, Liquidez Geral;
- Índices de Endividamento: Composição do Endividamento, Grau do Endividamento;
- Índices de Rentabilidade e Lucratividade: Retorno sobre Investimento (ROI), Retorno sobre Patrimônio Líquido (ROE), Margem Bruta, Giro do Ativo.

A seguir é apresentado um quadro resumo com os índices que foram trabalhados neste estudo com a exibição da fórmula indicada para cada índice.

Quadro 2 – Indicadores econômico-financeiros

Grupo	Índices	Fórmula
Índices de Liquidez	Liquidez Corrente	AC/PC
	Liquidez seca	AC-Estoques/PC
	Liquidez Geral	AC+RLP/PC+ELP
Índices de Endividamento	Composição do Endividamento	PC / PC + PNC x 100
	Grau de Endividamento	PC + PNC/ PL
Índices de Rentabilidade e Lucratividade	Retorno sobre Investimento (ROI)	LL/ AT x 100
	Retorno sobre Patrimônio Líquido (ROE)	LL/PL x 100
	Margem Bruta	Lucro Op. Bruto/Vendas Líquidas
	Giro do ativo	RL/AT

AC=Ativo Circulante; PC=Passivo Circulante; RLP=Realizável a Longo Prazo; ELP=Exigível a Longo Prazo; PNC=Passivo Não Circulante; PL=Patrimônio Líquido; LL=Lucro Líquido; AT=Ativo; RL=Receita Líquida.

Fonte: Adaptado de Marion (2019), Martins, Miranda e Diniz (2019) e Assaf Neto (2020)

Os índices apresentados no Quadro 2 foram analisados individualmente por grupo de índice (Quadro 2), por segmentos de negócios (Quadro 1) e comparados horizontalmente (ao longo do tempo) entre os períodos mencionados pré-pandemia e após decreto da pandemia. O agrupamento por segmento de negócios se deu pela média dos índices apresentados pelas empresas constantes em cada grupo de segmento de negócios.

A seguir é apresentada a descrição e análise dos resultados deste estudo obtidos a partir da metodologia proposta.

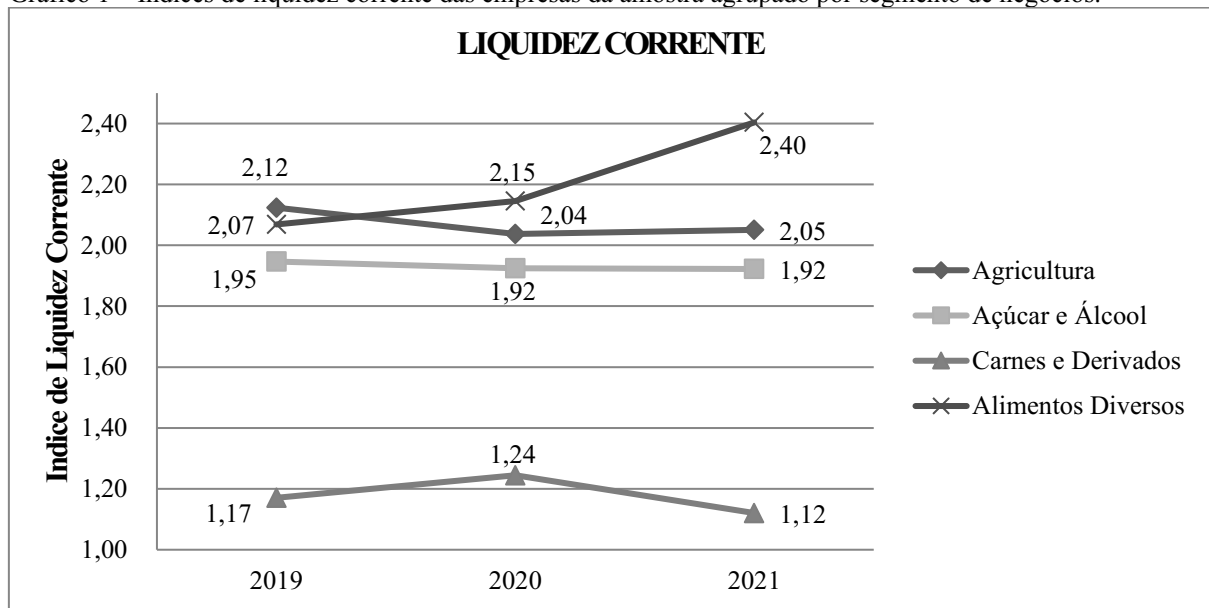
4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após a coleta dos dados de acordo com a metodologia proposta, chegou-se aos resultados apresentados e descritos a seguir, subdivididos por grupo de indicadores econômico-financeiros.

4.1 Índices de Liquidez

A seguir são apresentados os gráficos 1, 2 e 3 com os índices de liquidez observados nas empresas da amostra agrupados por segmentos de negócios. O Gráfico 1 apresenta os resultados para o índice de liquidez.

Gráfico 1 – Índices de liquidez corrente das empresas da amostra agrupado por segmento de negócios.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

De acordo com o Gráfico 1, comparando-se o período pré-pandemia (2019) em relação ao primeiro período pós decreto da pandemia (2020), observou-se um aumento no índice de liquidez corrente em dois segmentos de negócios (Carnes e Derivados e Alimentos Diversos), enquanto para Agricultura e Açúcar e Alcool verificou-se uma redução no índice.

O aumento no índice de liquidez corrente nos grupos de Carne de Derivados e Alimentos Diversos no primeiro ano pós decreto da pandemia indica que as empresas desses segmentos melhoraram sua capacidade de honrar suas obrigações do curto prazo com os recursos do curto prazo. Um aumento nas disponibilidades ou uma redução nas obrigações de curto prazo podem ter influenciado este resultado.

Em contrapartida, a redução nos índices da Agricultura e Açúcar e Alcool pode indicar que estes segmentos escoaram ativos de alta liquidez para cobrir custos ou gerar investimentos (com captação de recursos de terceiros). De acordo com Aday e Aday (2020), a pandemia impactou o setor de alimentos desde o campo (setor primário), o que engloba a produção agrícola desses dois segmentos. De acordo com matéria do Canal Rural (2021), os preços dos custos de insumos agrícolas nos anos de 2020 e 2021 foram diretamente impactados pela pandemia da Covid-19, sendo um dos principais responsáveis pelo aumento a interrupção de processos produtivos e a redução na oferta de tais insumos.

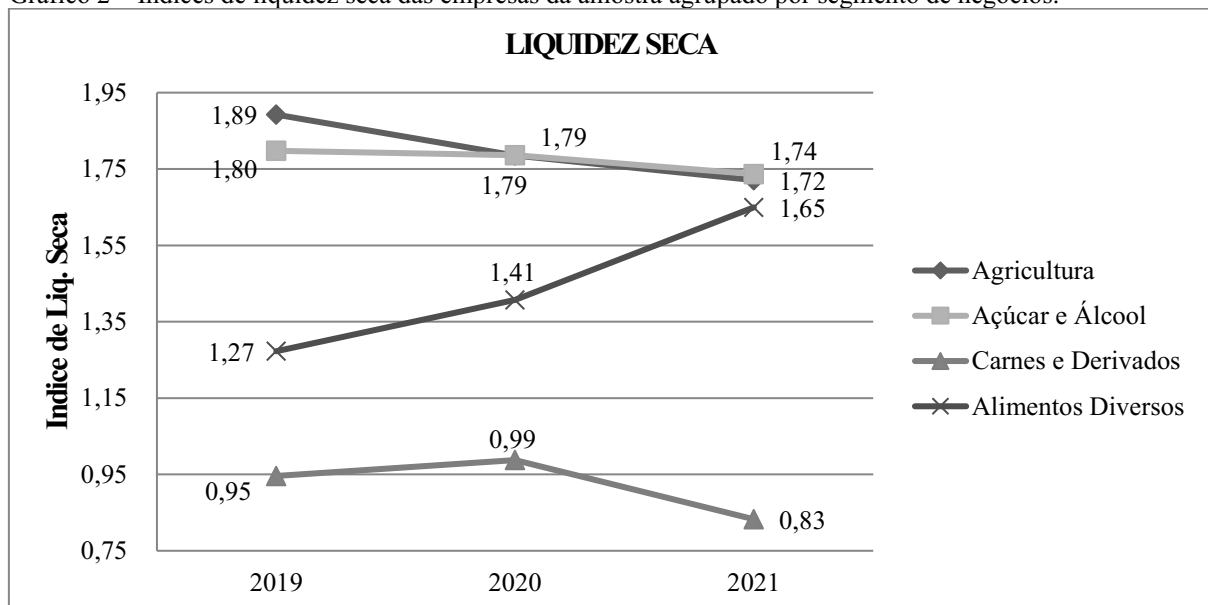
No segundo ano pós decreto da pandemia (2021), os segmentos de Agricultura, Açúcar e Alcool e Carnes e Derivados apresentaram uma redução em relação a 2019. Mais uma vez o aumento dos custos e os investimentos no setor, devido ao aumento da demanda

externa podem ter influenciado. Este aumento dos investimentos pode ter gerado a necessidade de maior captação de recursos. De acordo com a balança comercial publicada pela ABIA (2023), houve um aumento em 11% nas exportações de alimentos industrializados de 2019 para 2020 e um aumento de 18% de 2020 para 2021 e para alimentos *in natura*, houve um aumento nas exportações de 4% de 2019 para 2020 e de 23% de 2020 para 2021.

Ainda no segundo ano pós decreto da pandemia, observou-se que o segmento de Alimentos Diversos continuou a aumentar, o que indica que para este segmento o índice de liquidez corrente melhorou no decorrer da pandemia. Por ser um setor que engloba alimentos já processados, é provável que altos estoques auxiliaram em reduzir os impactos no curto prazo. Este resultado segue na linha dos achados indicados por Oliveira, Guerra e Nazaré (2022), que observaram um aumento no índice de liquidez corrente nas empresas analisadas (energia elétrica) entre os anos de 2020 e 2021.

O gráfico a seguir apresenta os resultados da amostra para o índice de liquidez seca nos anos de 2019 a 2021.

Gráfico 2 – Índices de liquidez seca das empresas da amostra agrupado por segmento de negócios.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Conforme Gráfico 2 acima, os seguimentos de Agricultura e Açúcar e Álcool apresentaram uma redução no índice de liquidez seca quando comparado ao ano de 2020 (primeiro ano pós decreto da pandemia) com o de 2019 (período pré-pandemia). Em contrapartida, os segmentos de negócios de Carnes e Derivados e Alimentos diversos apresentaram um aumento neste índice no período mencionado. Este resultado vai em oposição ao encontrado por Massoquetto e Souza (2021) para as empresas do setor de

consumo cíclico, onde não se observou variação no índice de liquidez seca entre os anos de 2019 e 2020 para as empresas da amostra.

A variação observada no Gráfico 2 acompanhou os resultados apresentados para o índice de liquidez corrente mencionado anteriormente. Como o índice de liquidez desconsidera os estoques em sua fórmula, para o primeiro ano da pandemia, os estoques não influenciaram decididamente na tendência dos índices de liquidez.

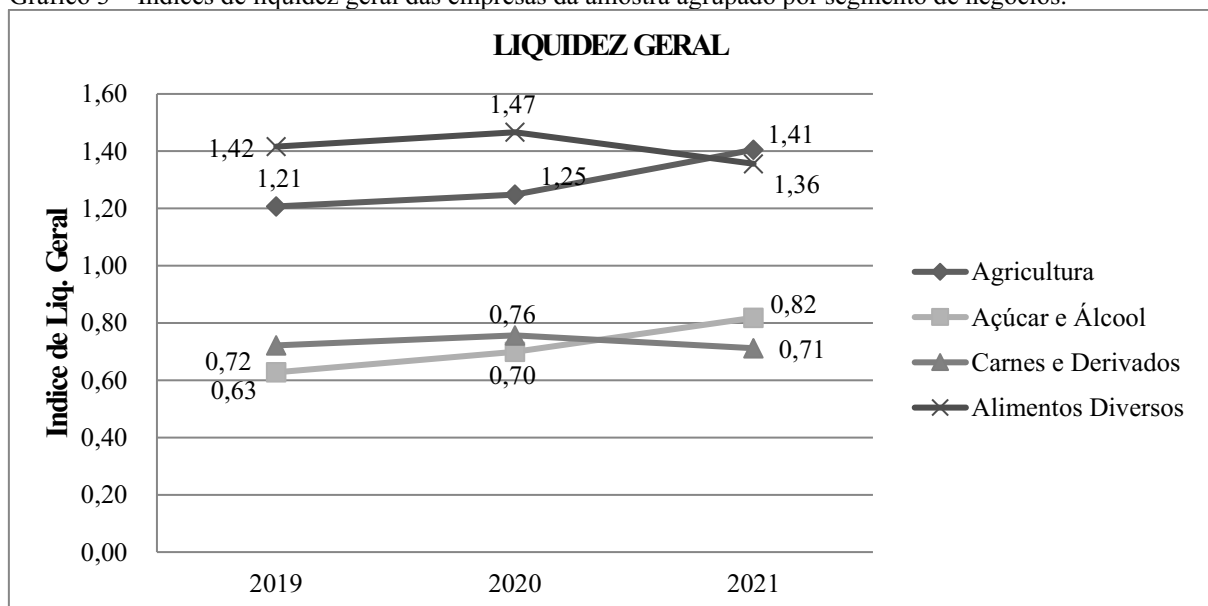
No segundo ano pós decreto da pandemia apenas o segmento de Alimentos Diversos apresentou um aumento no índice de liquidez seca em relação ao ano pré-pandemia de 2019, ainda seguindo a tendência da liquidez corrente.

O setor de Carnes e Derivados foi o único segmento que apresentou índice de liquidez seca menor do que 1, o que indica uma dificuldade de quitar suas obrigações no curto prazo. Este segmento já estava com um índice menor do que 1 no ano pré-pandemia, apesar disso, no segundo ano pós decreto da pandemia, o índice ficou abaixo do ano de 2019, indicando que a pandemia pode ter auxiliado nessa redução.

De modo geral, observou-se que no primeiro ano pós decreto da pandemia, as empresas do setor de alimentos conseguiram melhorar a capacidade de cumprimento das obrigações de curto prazo, já no segundo ano pós decreto, observou-se uma redução nessa capacidade de cumprimento na maioria dos segmentos do setor de alimentos.

Encerrando a análise dos índices de liquidez, a seguir é apresentado o Gráfico 3 com os resultados para o índice de liquidez geral para os segmentos de negócios analisados.

Gráfico 3 – Índices de liquidez geral das empresas da amostra agrupado por segmento de negócios.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

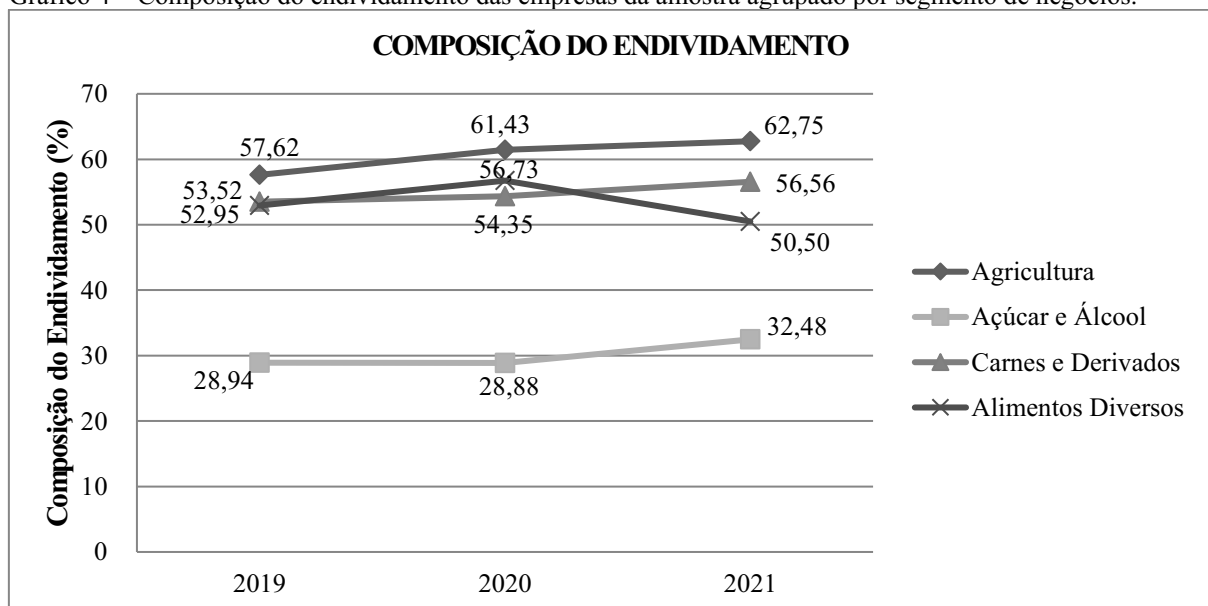
Para o índice de liquidez geral apresentado no Gráfico 3, observou-se um aumento no primeiro ano pós decreto da pandemia, em relação ao período pré-pandemia, em todos os segmentos analisados, diferente do observado nos índices de liquidez corrente e seca. Isso se deu possivelmente pelo fato desse índice considerar em sua fórmula as obrigações e recursos os recursos de longo prazo (que não entram no cálculo da liquidez corrente e seca) que podem ter auxiliado nos resultados positivos para as empresas do setor de alimentos de modo geral no primeiro ano pós decreto da pandemia.

No segundo ano pós decreto da pandemia os seguimentos de Agricultura e Açúcar e Alcool continuaram crescendo, resultado divergente do apresentado nos índices de liquidez corrente e seca, o que pode indicar que para esses dois segmentos os recursos de longo prazo, como recebimentos (*commodities*), podem ter auxiliado no resultado positivo nos dois anos pós decreto da pandemia.

4.2 Índices de Endividamento

Os gráficos apresentados a seguir indicam os resultados obtidos para os índices de endividamento das empresas da amostra. Ressalta-se que, para o índice de grau de endividamento, os resultados das empresas POMIFRUTAS e MINUPAR para os três anos de análise e da empresa MINERVA, para o ano de 2019 foram excluídos da análise pois as empresas nos exercícios mencionados apresentaram Patrimônio Líquido negativo. O Gráfico 4 abaixo apresenta os resultados para o índice de composição do endividamento.

Gráfico 4 – Composição do endividamento das empresas da amostra agrupado por segmento de negócios.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

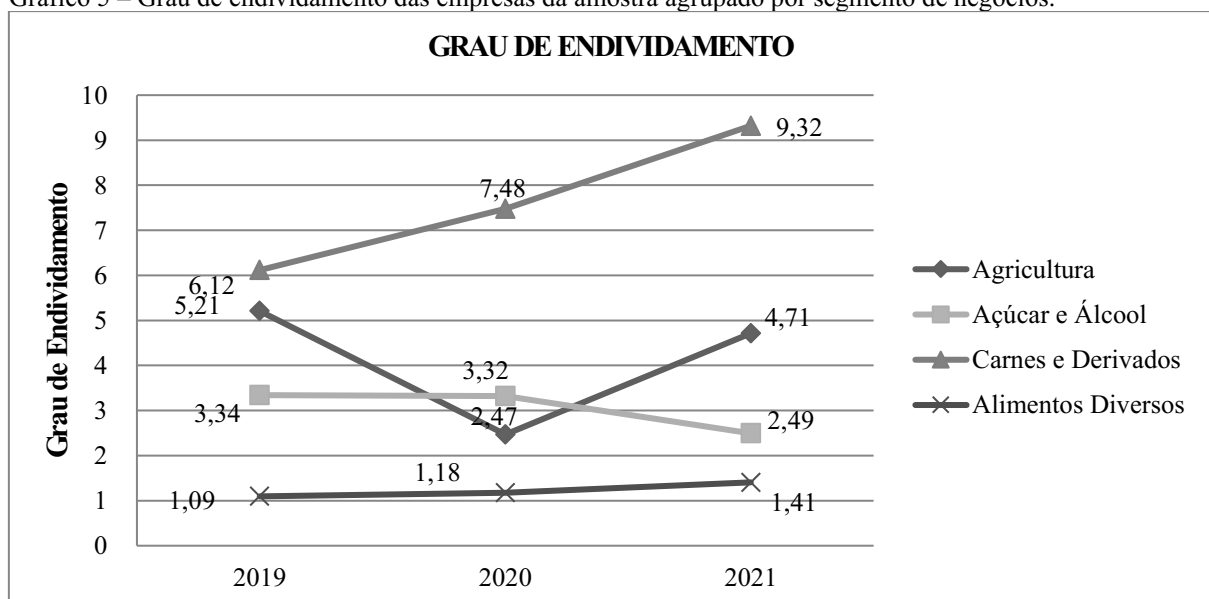
De acordo com o Gráfico 4, a composição do endividamento aumentou no primeiro ano pós decreto da pandemia (2020) para todos os segmentos de negócios do setor de alimentos em relação ao ano pré-pandemia (2019), exceto para o segmento de Açúcar e Álcool, que apresentou uma pequena redução (0,06).

O aumento desse índice na maioria dos segmentos do setor de alimentos indica que houve um aumento no percentual das dívidas de curto prazo em relação ao total das dívidas das empresas, ou seja, ocorreu um aumento nas dívidas de curto prazo no primeiro ano pós decreto da pandemia. Isso pode ter ocorrido pelo fato de as empresas do setor de alimentos apresentarem aumento nos custos dos insumos (conforme indicado por Costa, Pereira e Lima (2020)), o que ocasionou no aumento de novas dívidas aportadas pelas empresas no curto prazo. Outro fator já mencionado que pode ter gerado a necessidade de captação de recursos foi o aumento das exportações nos anos pós decreto da pandemia (conforme relatório da ABIA (2023)).

No segundo ano pós decreto da pandemia (2021), apenas o segmento de Alimentos Diversos apresentou um índice menor daquele observado no ano pré-pandemia. A continuidade do aumento da composição do endividamento na maioria dos segmentos do setor de alimentos indica um fator negativo na composição do seu endividamento consequência da pandemia ocasionada pela Covid-19 nos dois primeiros anos pós decreto.

A seguir é apresentado o Gráfico 5 com os resultados para o grau de endividamento das empresas da amostra agrupados por segmento de negócios.

Gráfico 5 – Grau de endividamento das empresas da amostra agrupado por segmento de negócios.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Observa-se no Gráfico 5 que, para o segmento de Carnes e Derivados, o grau de endividamento teve um aumento considerável entre o ano pré-pandemia (2019) e os anos pós decreto da pandemia (2020, 2021), sendo que este segmento apresentou os maiores valores para o grau de endividamento em todos os anos analisados. Seguindo a mesma linha, Alimentos Diversos também apresentou um aumento nos dois anos pós decreto da pandemia, mas em contrapartida esse segmento apresentou os menores valores para esse índice em todos os anos analisados.

Um aumento no grau de endividamento evidencia que a empresa está tomando mais capital de terceiros em relação ao seu capital próprio. Assim, para esses dois segmentos, a pandemia teve um caráter negativo nos dois primeiros anos pós decreto, pois precisou tomar mais capital de terceiros em relação ao seu capital próprio. Novamente o aumento dos custos pode ter influenciado no endividamento das empresas do setor de alimentos.

Em contrapartida, no segmento de Açúcar e Álcool observou-se uma redução nos dois anos pós decreto da pandemia, enquanto o segmento da Agricultura apresentou uma redução considerável no primeiro ano pós pandemia, o que não era esperado visto que estes segmentos também passaram por grande aumento nos custos de produção, assim como os demais.

De modo geral, os dois anos pós decreto da pandemia indicaram um aumento na composição do endividamento de curto prazo nas empresas do setor de alimentos e elas precisaram recorrer a mais capital de terceiros quando comparado com o ano pré-pandemia, o que pode ser um fator negativo para as mesmas segundo aponta a maioria das análises desses índices. Estes resultados corroboram com os achados de Costa, Pereira e Lima (2020), onde observou-se maior necessidade de captação de recursos de terceiros no período após o decreto da pandemia para as empresas do setor de higiene.

O próximo subtópico apresenta a análise dos índices de rentabilidade e lucratividade observados nas empresas da amostra.

4.3 Índices de Rentabilidade e Lucratividade

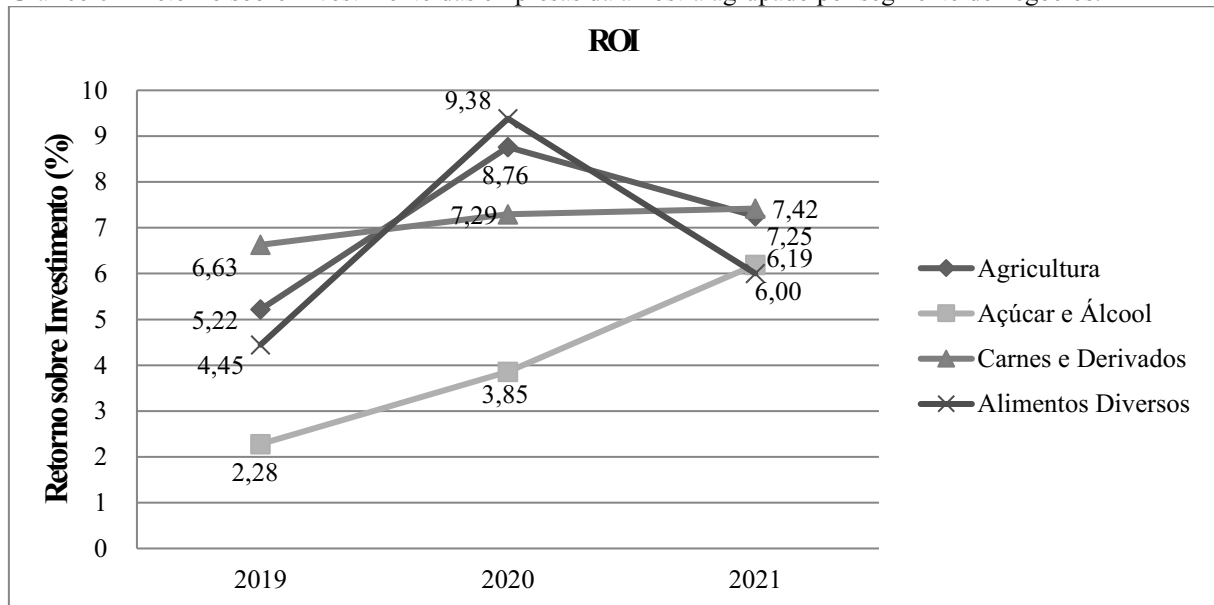
A seguir são apresentados os resultados para os índices de rentabilidade e lucratividade (retorno sobre investimento, retorno sobre patrimônio líquido, margem bruta e giro do ativo) obtidos das empresas da amostra nos períodos propostos.

Ressalta-se que, para o índice ROE, os resultados das empresas POMIFRUTAS e MINUPAR para os três anos de análise e da empresa MINERVA, para o ano de 2019 foram

excluídos da análise, pois as empresas nos exercícios mencionados apresentaram Patrimônio Líquido negativo. Ademais, os resultados para os índices ROI e ROE da empresa ALIPERTI nos anos de 2019 e 2021 e da empresa MINUPAR para os anos de 2021 foram excluídos, pois nesses exercícios as empresas apresentaram Lucro Líquido/Lucro Operacional Líquido negativos.

O Gráfico 6 a seguir apresenta os resultados para o índice de retorno sobre investimento.

Gráfico 6 – Retorno sobre Investimento das empresas da amostra agrupado por segmento de negócios.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Como pode ser observado no Gráfico 6, todos os segmentos analisados que compõem o setor de alimentos apresentaram um aumento no índice do Retorno sobre Investimento (ROI) no primeiro ano pós decreto da pandemia (2020) comparando-se com o ano pré-pandemia (2019). Este índice indica a capacidade da empresa de gerar resultados para cada unidade monetária investida, com isso, o resultado observado para as empresas do setor de alimentos indicou que no primeiro ano pós pandemia, elas apresentaram um melhor retorno monetário em relação ao que tinham investido nas companhias, o que demonstra um fator positivo.

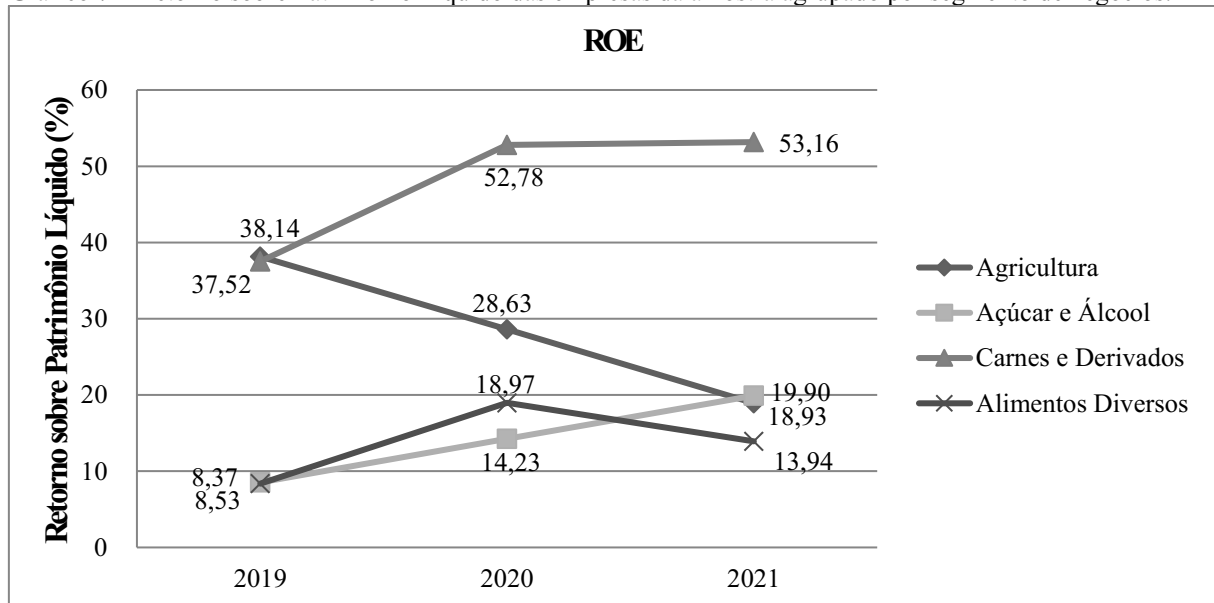
O resultado positivo no primeiro ano pós pandemia pode ter ocorrido devido ao aumento nas receitas para as empresas do setor, consequência do aumento das exportações mencionado anteriormente. Este resultado corrobora com o apresentado por Costa, Pereira e Lima (2020), onde o primeiro ano pós decreto da pandemia se mostrou positivo

economicamente com aumento nas receitas líquidas nas empresas analisadas (empresas do setor de higiene).

Os segmentos de Açúcar e Álcool e Carnes e Derivados continuaram apresentando um aumento no segundo ano pós decreto da pandemia, enquanto os segmentos de Agricultura e Alimentos Diversos apresentaram uma redução em relação ao primeiro ano da pandemia, mas ainda acima do índice observado no ano pré-pandemia, ou seja, de modo geral, o retorno sobre investimento para as empresas dos segmentos analisados do setor de alimentos tiveram uma variação positiva nos anos pós decreto da pandemia em relação ao período pré-pandemia.

O Gráfico 7 a seguir apresenta os resultados para o índice de retorno sobre patrimônio líquido.

Gráfico 7 – Retorno sobre Patrimônio Líquido das empresas da amostra agrupado por segmento de negócios.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Percebe-se pelo Gráfico 7 que, no primeiro ano pós decreto da pandemia, houve um aumento no índice de retorno sobre patrimônio líquido na maioria dos segmentos do setor de alimentos (Açúcar e Álcool, Carnes e Derivados e Alimentos Diversos) em relação ao período pré-pandemia. Apenas no segmento de Agricultura observou-se uma redução neste índice. O aumento no índice de retorno sobre patrimônio líquido indica uma melhora na capacidade da empresa de gerar valor ao seu negócio e aos investidores, o que aconteceu no primeiro ano pós decreto da pandemia para a maioria dos segmentos do setor de alimentos.

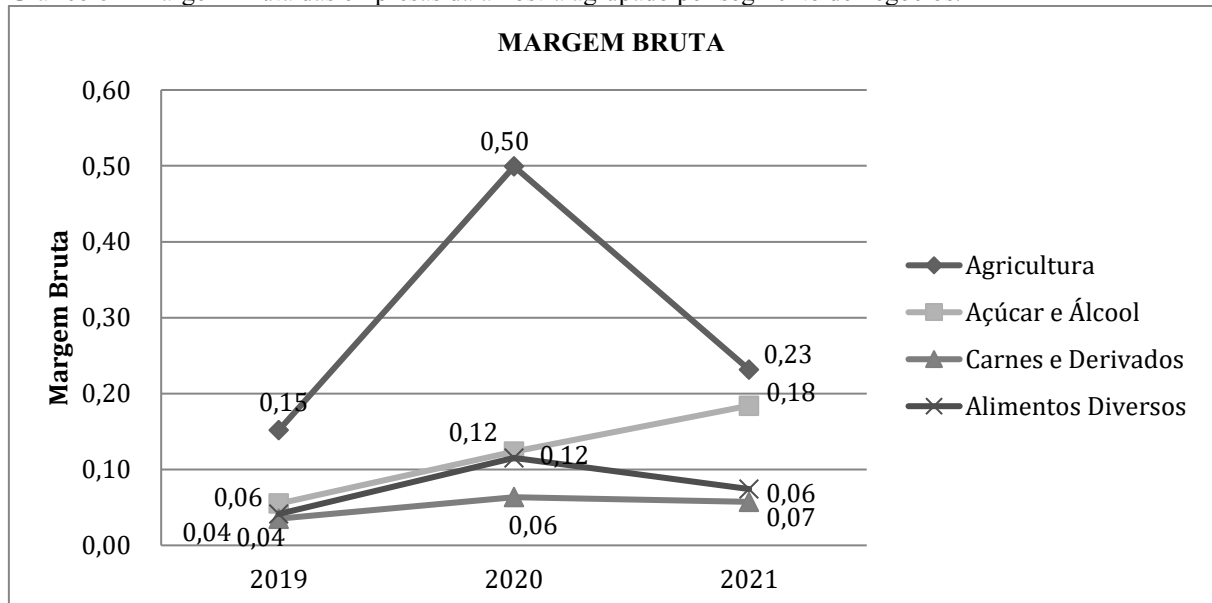
No segundo ano pós decreto da pandemia, observou-se uma redução para os segmentos Alimentos Diversos e Agricultura em relação ao primeiro ano pós decreto. Ou seja, o segundo ano de pandemia impactou negativamente esses dois segmentos para o índice de

retorno sobre patrimônio líquido. Este resultado vai em oposição aos achados de Oliveira, Guerra e Nazaré (2022), onde os autores observaram um aumento no ROE para as empresas da amostra (setor de energia elétrica) no segundo ano pós decreto da pandemia.

Destaca-se o fato de a Agricultura ser o único segmento onde observou-se queda nos dois períodos pós decreto em relação ao período pré-pandemia. Já no segmento de Açúcar e Alcool observou-se um aumento nos dois períodos pós decreto da pandemia. Isso pode indicar que o aumento dos custos dos insumos agrícolas no período pós decreto da pandemia influenciaram negativamente o retorno para investidores do segmento da Agricultura, mas ele não teve impacto direto neste índice para o segmento de Açúcar e Alcool.

O Gráfico 8 a seguir apresenta os resultados da margem bruta.

Gráfico 8 – Margem Bruta das empresas da amostra agrupado por segmento de negócios.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Observando o Gráfico 8, notou-se que todos os segmentos analisados do setor de alimentos apresentaram um aumento no índice da margem bruta no primeiro ano pós pandemia em relação ao período pré-pandemia, o que pode indicar que, o aumento dos custos para as empresas do setor de alimentos, como mencionado anteriormente, foi ajustado nas suas respectivas margens de lucro (aumento no preço repassado). Este resultado é divergente ao observado por Massoquetto e Souza (2021) para o primeiro ano pós decreto da pandemia, pois para as empresas analisadas (setor consumo cíclico) não se observou variação significativa nos índices de lucratividade.

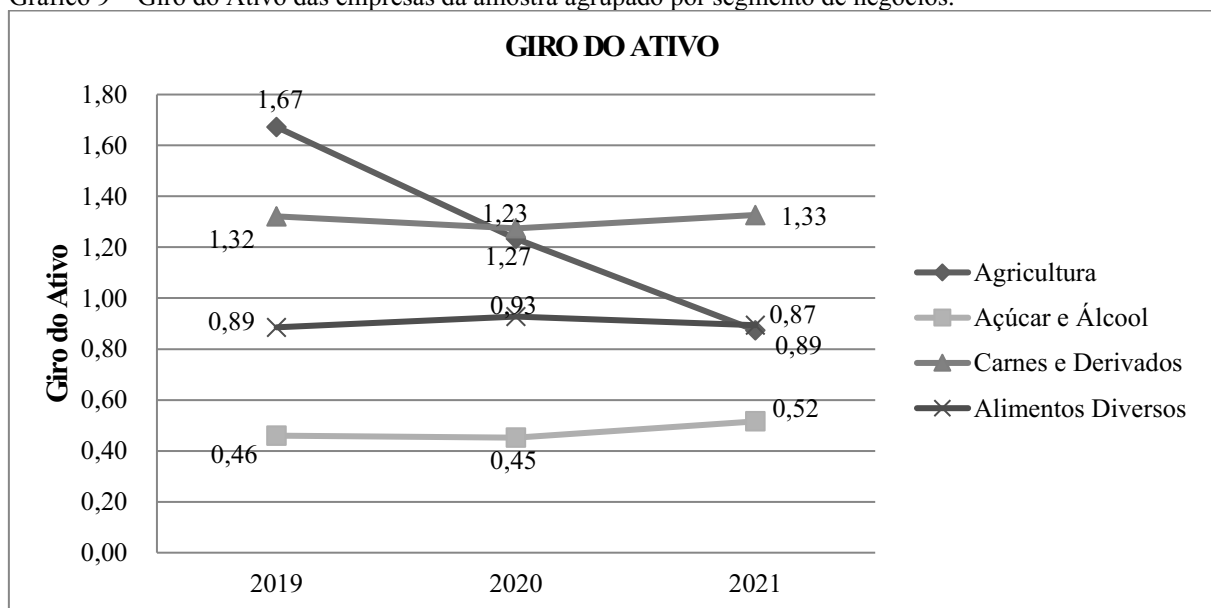
Já no segundo ano pós pandemia houve uma queda no índice para dois segmentos (Agricultura e Alimentos Diversos) e redução nos outros dois (Açúcar e Alcool e Carnes e

Derivados). Destaca-se a oscilação apresentada pelo segmento Agricultura, com um forte crescimento no índice da margem bruta no primeiro ano pós decreto da pandemia e uma redução no segundo ano, mas ainda assim ficando acima do ano pré-pandemia.

De modo geral, o índice de margem bruta nos dois anos pós decreto da pandemia para os segmentos do setor de alimentos, teve uma variação positiva em relação ao período pré-pandemia.

A seguir são apresentados os resultados para o índice de giro do ativo para as empresas da amostra.

Gráfico 9 – Giro do Ativo das empresas da amostra agrupado por segmento de negócios.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Observa-se no Gráfico 9 que, na maioria dos segmentos (Açúcar e Alcool, Carnes e Derivados e Alimentos Diversos) houve pequenas variações no índice de giro do ativo nos dois primeiros anos pós decreto da pandemia em relação ao período pré-pandemia.

Já no segmento da Agricultura, observou-se uma queda considerável nos dois anos pós decreto, o que pode indicar que a capacidade deste segmento de suprir a demanda com seu estoque foi reduzida, podendo ser consequência o aumento da demanda ou a redução nos estoques devido ao aumento nos custos ou menor produção (safra).

Apesar do aumento das exportações apresentado anteriormente, para as empresas da maioria dos segmentos do setor de alimentos não houve grandes variações no giro dos ativos, tendo as empresas balanceado seus estoques de acordo com a variação na demanda consequência da pandemia.

De modo geral, observou-se que os dois primeiros anos após o decreto do estado de pandemia, não se apresentou como um fator econômico negativo para a maioria dos segmentos do setor de alimentos quando analisados os índices de liquidez, rentabilidade e lucratividade. Esse resultado corrobora com os estudos de Costa, Pereira e Lima (2020), Massoquetto e Souza (2021), onde o período da pandemia se mostrou economicamente positivo para as empresas analisadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve o objetivo de verificar o desempenho econômico-financeiro das empresas do setor de alimentos durante a pandemia por meio de indicadores, realizando uma comparação entre o período pré e pós-decreto da pandemia ocasionada pela Covid-19.

Os resultados indicaram que, para os índices de liquidez corrente e seca, no primeiro ano pós decreto da pandemia, as empresas do setor de alimentos conseguiram melhorar a capacidade de cumprimento das obrigações de curto prazo, já no segundo ano pós decreto, observou-se uma redução nessa capacidade de cumprimento na maioria dos segmentos do setor de alimentos. O segundo ano pós decreto da pandemia foi influenciado pelo início das vacinações em massa no Brasil, o que iniciou uma redução nos preços (inclusive dos alimentos) que estavam em alta durante o primeiro ano da pandemia. Este fato pode ter influenciado nos resultados de cumprimento das obrigações de curto prazo para as empresas analisadas.

Observando o índice de liquidez geral, os resultados também apontaram um aumento neste índice no primeiro ano pós decreto da pandemia em relação ao período pré-pandemia para todos os segmentos analisados. Isso pode indicar que os recursos de longo prazo também auxiliaram nos resultados positivos de liquidez para as empresas do setor de alimentos no primeiro ano pós decreto da pandemia. A venda de *commodities* agrícolas de longo prazo podem ter influenciado nos resultados observados.

Para os índices de endividamento observou-se que, de modo geral, os dois anos pós decreto da pandemia indicaram um aumento nos índices de endividamento nas empresas do setor de alimentos, ou seja, elas precisaram recorrer a mais capital de terceiros quando comparado com o ano pré-pandemia. O aumento nos custos (principalmente de insumos

agrícolas) e a necessidade de captação de recursos para investimento podem ter sido fatores contributivos para este resultado.

Em relação aos índices de lucratividade e rentabilidade, observou-se que os indicadores de retorno sobre investimento e sobre patrimônio líquido para as empresas dos segmentos analisados do setor de alimentos tiveram uma variação positiva nos anos pós decreto da pandemia em relação ao período pré-pandemia. Para o índice de margem bruta, nos dois anos pós decreto da pandemia, observou-se uma variação positiva em relação ao período pré-pandemia, enquanto para o giro de ativo, não se verificou grandes variações nos períodos analisados pós decreto da pandemia. A variação positiva para a maioria dos índices de lucratividade e rentabilidade analisados pode indicar que, apesar do setor de alimentos ter sido impactado negativamente pelos preços dos insumos na cadeia produtiva, esta perda pode ter sido repassada para o cliente final dos produtos alimentícios. As notícias observadas nos meios de comunicação sobre os preços dos alimentos para o consumidor no período da pandemia corroboram com esta teoria.

De modo geral, apenas os índices de endividamento se mostraram como um fator negativo para as empresas do setor de alimentos nos dois anos pós decreto da pandemia. Em contrapartida, indicadores de liquidez, rentabilidade e lucratividade demonstraram resultados melhores nos dois anos pós decreto da pandemia em relação ao período pré-pandemia para a maioria dos segmentos do setor de alimentos. Estes resultados corroboram com os observados em outros setores da economia como setor de consumo cíclico (estudo de Massoquetto e Sousa (2021)), setor de higiene (estudo de Costa, Pereira e Lima (2020)) e setor de energia elétrica (estudo de Oliveira, Guerra e Nazaré (2022)).

Tal melhora nos índices econômico-financeiros para as empresas do setor de alimentos não era esperada, visto que as notícias pós decreto da pandemia eram principalmente relacionadas a aumentos de custos de insumos, paralização nos processos produtivos, confinamento, aumento de preços, etc. Apesar de algumas conjunturas negativas, o setor de alimentos se manteve em ritmo acelerado e conseguiu sobressair economicamente ante as dificuldades impostas pelo decreto da pandemia.

Espera-se que este estudo contribua para análises econômicas relacionadas ao setor de alimentos, pois os resultados aqui apontados podem evidenciar dados relevantes para as empresas do setor. Também espera-se contribuições na questão social, pois o estudo analisa um contexto onde a sociedade estava passando por um momento de grande impacto coletivo a nível mundial. Resultados sobre questões financeiras e alimentares se tornam relevante nesse âmbito.

Sugere-se para estudos futuros, a continuidade da análise horizontal destes índices para as empresas do setor de alimentos, visto que os impactos da pandemia poderão ser observados por vários anos.

REFERÊNCIAS

ADAY, S.; ADAY, M. S. Impact of COVID-19 on the food supply chain. **Food Quality and Safety**, v. 4, n. 4, p. 167-180, 2020.

ASSAF NETO, A. **Estrutura e análise de balanços**: um enfoque econômico e financeiro. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DE ALIMENTOS - ABIA. **Números do setor**. 2023. Disponível em: <<https://www.abia.org.br/numeros-setor>>. Acesso em: 09 de mai. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel coronavírus**. 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

BRASIL, BOLSA, BALCÃO - B3. **Segmentos de listagem**. 2022. Disponível em: <http://www.b3.com.br/pt_br/produtos-e-servicos/solucoes-para-emissores/segmentos-de-listagem/sobre-segmentos-de-listagem/>. Acesso em: 10 out. 2022.

CANAL RURAL. Setor aponta pandemia como uma das causas da elevação de custos e de preço de alimentos. 2021. Disponível em: <<https://www.canalrural.com.br/noticias/pandemia-custos-preco-alimentos/>>. Acesso em: 04 mai. 2023.

COSTA, L. B.; PEREIRA, I. F.; LIMA, J. A. Reflexos da pandemia da covid-19 nos indicadores econômico-financeiros de empresas do setor de produtos de higiene e limpeza listadas na B3. **Revista Mineira de Contabilidade**, v. 22, n. 2, p. 10-22, 2021.

DOHI, J. S. **Análise econômico financeiro dos impactos do Covid 19 no desempenho das empresas**. 2022. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Química) – Universidade Federal de São Paulo – Instituto de Química e Farmacêutica, Diadema, 2022.

HARTMANN, M. Corporate social responsibility in the food sector. **European Review of Agricultural Economics**, v. 38, n. 3, p. 297-324, 2011.

IFOPE. Indústria de alimentos no Brasil: o cenário atual e as tendências do setor. **Ifope Educacional**. 2021. Disponível em: <<https://blog.ifope.com.br/industria-de-alimentos-no-brasil/>>. Acesso em 02 abr. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS - FGV IBRE. Piora da pandemia e os seus impactos na economia. **Boletim Macro**, n. 117, mar. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Com alta de 12,6%, safra de 2023 deve bater recorde e chegar a 296,2 milhões de toneladas. **Agência de Notícias**. 2023. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/36074-com-alta-de-12-6-safra-de-2023-deve-bater-recorde-e-chegar-a-296-2-milhoes-de-toneladas>>. Acesso em: 02 abr. 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. Inflação de alimentos: como se comportaram os preços em 2022. **Carta de Conjuntura**. 2023 <https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/index.php/2023/01/inflacao-de-alimentos-como-se-comportaram-os-precos-em-2022/>

IUDÍCIBUS, S. **Análise de balanços**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

KOCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2011

MARCON, R.; SOUZA, E. M. Comparação do desempenho econômico e de mercado das empresas: o caso das companhias classificadas nos níveis de governança corporativa da Bovespa. **Revista de Negócios**, v. 12, n. 1, p. 88-103, 2007.

MARINS, V. S.; FRANCISCO, J. R. S.; PINHEIRO, J. L.; CUNHA, G. R. Impacto da Covid/19 na performance do setor bancário brasileiro. In: USP INTERNATIONAL CONFERENCE IN ACCOUNTING, 22, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2022.

MARION, J. C. **Análise das demonstrações contábeis**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

MARTINS, E.; MIRANDA, G. J.; DINIZ, J. A. **Análise didática das demonstrações contábeis**. 3. ed. Biblioteca digital: Atlas, 2020.

MASSOQUETTO, K.; SOUZA, L. P. O impacto da pandemia da covid-19 nos indicadores econômicos e financeiros nas empresas de consumo cíclico listadas na B3. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA UNIANDRADE, 19, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2021.

MATTEI, L.; ROSA, M. Impactos da pandemia sobre o setor industrial catarinense. **Revista NECAT**, a. 8, n. 15, 2019.

OLIVEIRA, M. S.; GUERRA, M.; NAZARÉ, S. R. M. Desempenho Econômico-Financeiro Durante a Pandemia de Covid-19: Uma Análise Comparativa Entre Companhias Brasileiras Pertencentes e não Pertencentes ao Índice de Sustentabilidade Empresarial da B3. In: USP INTERNATIONAL CONFERENCE IN ACCOUNTING, 22, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2022.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Histórico da pandemia de COVID-19**. 2022. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em 08 nov. 2022.

OPAS - ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Histórico da pandemia de COVID-19**. 2022. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos>>. Acesso em 19 nov. 2022.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SOUSA, L. S. N. **Efeitos da COVID-19 nos indicadores econômico-financeiros das empresas do setor aéreo brasileiro com ações na B3**. 49 f. Monografia (Graduação em Ciências Contábeis) – Universidade Federal da Paraíba – Departamento de Finanças e Contabilidade, João Pessoa, 2020.